



Discursos proferidos por ocasião da outorga de
títulos de Professores Eméritos
*Speeches Delivered on the Occasion of the
Conferment of Titles of Emeritus Professor*

*Jorge Claudio N. Ribeiro Jr.
João Edênio Reis Valle
Maria Luiza Guedes
José J. Queiroz*

Resumo: Em 28 de outubro de 2015, a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo concedeu a João Edênio dos Reis Valle e José e Jose J. Queiroz, ambos do Departamento de Ciência da Religião da universidade, o título de Professor Emérito. Encontram-se aqui as falas de Jorge Claudio N. Ribeiro Jr. e de Maria Luiza Guedes em homenagem aos professores bem como os discursos dos dois professores que receberam os títulos.

Palavras-chave: Ciência da Religião; João Edênio dos Reis Valle; José J. Queiroz

Abstract: On October 28th 2015, the Pontifical Catholic University of São Paulo conferred the Title of Emeritus Professor to João Edênio dos Reis Valle e José e Jose J. Queiroz, both members of the Religious Studies Department of the University. See below the tribute speeches of Jorge Claudio N. Ribeiro Jr. e de Maria Luiza Guedes and the speeches of the awarded professors.

Keywords: Palavras-chave: Religious Studies; João Edênio dos Reis Valle; Jose J. Queiroz

Nas últimas décadas, a Ciência da Religião ganhou respeito ao demonstrar vigor epistemológico e produzir pesquisas que se mostraram relevantes para a compreensão de um fenômeno desafiador. Essas conquistas foram possíveis graças ao trabalho de pessoas que configuraram o campo de investigação e que, desde então, participam da formação de pesquisadores, produção de pesquisas, desenvolvimento de construtos teóricos e leituras acuradas do campo religioso brasileiro. Duas dessas pessoas, os doutores Edênio Valle e José J. Queiroz, acabam de receber o título de “Professor Emérito” da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, onde, desde a fundação do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião, desenvolvem um trabalho de grande valor. A REVER traz as mensagens produzidas em homenagem – justíssima – aos professores Edênio e Queiroz, assim como os discursos dos homenageados.



Prof.Dr. José J. Queiroz // Prof^ª Dr^ª Anna Maria Marques Cintra (Reitora da PUC-SP) // Prof.Dr. João Edênio Reis Valle
Foto: Thiago Pacheco (ACI-PUC-SP)

Saudação ao Prof. Dr. João Edênio Reis Valle na outorga do título de Professor Emérito da PUC-SP

*Dr. Jorge Claudio N. Ribeiro Jr.**

*Estou preso à vida e olho meus companheiros...
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos
dadas... Carlos Drummond de Andrade*

Feliz, “feliz”, repito, agradeço a oportunidade de saudar o Professor Doutor João Edênio Reis Valle, que há décadas contribui para os rumos da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e da comunidade que a vivifica. Concedendo-lhe, afinal, o título de Professor Emérito, esta instituição honra um de seus filhos mais ilustres e queridos.

* Professor Titular do Departamento de Ciência da Religião da PUC-SP.

Meu amigo e colega do Departamento de Ciência da Religião, Professor Jozimas, sempre adverte: “Todo texto supõe um contexto”. De acordo. É a tal dialética entre a árvore e o bosque. Para efeito dramático, apresentarei, antes, a trajetória do “emeritando” e, ao final, o contexto. A restrição de tempo economiza adjetivos e medidas – assim, saúdo você de modo especial, independentemente do cargo que ocupe. Se desejar saber mais sobre Edênio, consulte os auxiliares de ensino Google, Lattes e Youtube.

Trajectoria

Nascido em 8 de setembro de 1936, portanto está com 79 anos, estudou no tradicional Colégio Arnaldo de Belo Horizonte, da Sociedade do Verbo Divino. Nele cursaram Carlos Drummond de Andrade, Guimarães Rosa, Fernando Sabino, Milton Campos, Fernando Brant, Roberto Drummond, Betinho, Afonso Arinos, Ivo Pitanguí e Patrus Ananias, ufa! Essa galeria faz jus à etimologia, pois o nome Arnaldo (do fundador da SVD, Santo Arnaldo Janssen) significa “ninho de águias”.

Concluído o ensino médio, o jovem Edênio entrou para o seminário, onde estudou Filosofia e, a seguir, Teologia na Alemanha (entre outros, teve como professor o grande Karl Rahner!). Em 29 de outubro de 1961, foi ordenado sacerdote, aos 25 anos. A seguir, ingressou na Pontificia Università Salesiana, de Roma, onde se graduou em Pedagogia, especializou-se em Psicologia e doutorou-se em Pedagogia/Psicologia. Esses cursos todos amadureceram nele o “sentimento do mundo”, ilustrado pelos versos em epígrafe.

Exercendo liderança local e internacional, por vinte anos foi dirigente das conferências dos Religiosos do Brasil e Latino-americana. Lecionou Psicologia da Religião e Aconselhamento Psicológico em institutos de Teologia e Filosofia em São Paulo. Na saudosa Faculdade Anchieta, onde nos conhecemos, ensinou Filosofia e Psicologia da Educação.

Desde 1969, trabalha nesta PUC-SP. É associado do Departamento de Ciência da Religião e foi seu chefe. Leciona Psicologia da Religião no Pós em Ciência da Religião, Programa que fundou e do qual foi coordenador.

O nome “Edênio” remete ao jardim das delícias; mas, ao contrário do zelador alado com cimitarra flamejante, abre suavemente as portas em direção à luz. Segundo as lendas, à semelhança do ser onipresente – a quem dedicou todo seu coração, alma e entendimento – se Edênio ainda não esteve em toda parte, algum dia estará... seu mundo não se restringiu à universidade, mas após longos desvios, sempre voltou para os braços de sua comunidade. Navegar é preciso. Sua atividade entre nós abrange (a) gestão comunitária e (b) produção acadêmica:

a - Edênio fez rara dobradinha com a reitora Nadir Kfourri. Sem exagero, tipo Pelé-Coutinho, *entende?* Como vice-reitor comunitário durante dois trepidantes mandatos (1976 a 1984), ele contribuiu para enraizar na PUC-SP a Teologia da Libertação e a resistência à ditadura, dando retaguarda ao inesquecível grão-chanceler Dom Paulo Evaristo Arns.

Sua vice-reitoria se apoiou num tripé. A primeira perna foi o Instituto de Estudos Especiais, regido amorosamente pelo Professor José Queirós e equipe. O IEE realizou numerosos seminários, eventos e publicações, com o objetivo de aproximar a universidade das questões populares.

O segundo eixo do tripé foi o TUCA. Sob a criativa direção da saudosa Professora Samira Chalhoub, o teatro da universidade foi palco de memoráveis eventos e

espetáculos de artistas críticos ao regime. O TUCA tornou-se um templo da resistência democrática e, não por acaso, foi incinerado em 22 de setembro de 1984.

O terceiro eixo foi a Assessoria de Imprensa e Comunicação, conduzida por mim. Editamos o dinâmico jornal comunitário *Porandubas*, nome sugerido por Edênio durante almoço num restaurante fuleiro na rua Turiaçu. A coleção está na internet graças ao Cedec. Nossa assessoria também produziu filmes sobre a invasão da universidade e o incêndio do TUCA, disponíveis no Youtube.

Ao rés do chão, Edênio enfrentou situações intrincadas. Duas fotografias publicadas no *Porandubas* são paradigmáticas. A primeira mostra-o sereno na entrada do prédio-sede, segurando prosaico abacaxi, em meio à tensa assembleia estudantil. Outra foto registra-o com Nadir, encarando, indignados, o troglodita que comandou a invasão da universidade, a quem ela não deu a mão: “Vocês não são bem-vindos. Aqui só se entra com nossa autorização ou pelo vestibular”. Após oito anos, chegava a hora de sua chama científica brilhar com mais fulgor.

b - Números exuberantes atestam a produção do Professor Edênio. Orientou gerações de pós-graduandos, desenvolve pesquisas sobre as relações entre Psicologia e experiência religiosa, integra o corpo editorial de sólidas publicações. Em mais de cem artigos e dezenas de livros, aborda os desafios do Catolicismo, a vida consagrada, a universidade e a educação da juventude. Trata ainda do abuso de menores, da sexualidade dos padres, e advoga o pedido de perdão pela pedofilia.

Como tantos de nós, Edênio e eu temos uma história comum. Trouxe-me para a PUC-SP, celebrou meu casamento com Maria Inês, orientou-me no mestrado, sua bênção batismal tirou miraculosamente o recém-nascido Daniel da UTI e confortou Verinha antes da partida.

Contexto

A importância desta homenagem fica mais nítida quando se considera que, dramaticamente, a PUC-SP precisa se reinventar. A sobrevivência desta universidade exige escutarmos anciãs e anciões, como os emeritandos de hoje, e, juntos, projetarmos o futuro. Não se ouse descartar ninguém. Dizia Carlito Maia que “não precisamos de muita coisa, só precisamos uns dos outros”.

Num trecho da ultra recomendável encíclica “Laudato Si’”, aplicável à PUC-SP, o papa Francisco, 78 anos (somos amigos), adverte que “o desaparecimento de uma cultura pode ser tanto ou mais grave do que o desaparecimento de uma espécie animal ou vegetal. A imposição de um estilo hegemônico de vida ligado a um modo de produção pode ser tão nocivo como a alteração dos ecossistemas”.

Por tudo isso, gratidão Edênio e Queirós, gratidão a todos pela paciência.

Olhando para trás e para frente para situar e discernir o hoje da PUC-SP de amanhã

João Edênio Reis Valle **

Vou dar à minha fala um título que, à primeira vista, pode parecer estranho, mas que tem a sua origem mais remota na Idade Média, quando a Teologia era ainda considerada a *regina scientiarum*. Naqueles tempos, alguns teólogos mais argutos diziam que, para se fazer uma boa Teologia, era necessário elaborar uma ciência que fosse, a um só tempo, *“retro et ante occulata”*, isto é, capaz de elaborar uma forma de conhecimento só possível quando o conhecer decorre de duas perspectivas simultâneas, uma voltada para o passado (*“retro occulata”*) e outra orientada para o futuro (*“ante occulata”*). Só através desses dois olhares, não raro confusos e até contraditórios, podemos pensar a realidade como ela é de fato e nos situar com os dois pés no *presente*, este sempre carregado de limites e de possibilidades.

É o que pretendo fazer em minha fala, partindo de meus 45 anos de vida nesta fervilhante comunidade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Deixarei para o meu querido colega, Prof. Dr. José J. Queiroz, a tarefa de contar algo do que juntos vivemos quando surgiu o Programa de Ciência da Religião, que deu um impulso e um direcionamento novo e original aos estudos de Teologia e Religião na PUC-SP. Partirei, assim, do passado que aqui vivi nas décadas de 60 a 80 para voltar minha vista em direção ao horizonte ao qual a história nos *pro-jeta*. Sem história não há “estória”. Mas também são as “estórias” que sabem à grande história. Assim, poderei, numa linguagem mais narrativa do que analítica, dirigir a este Conselho e a todos nós, professores, alunos e funcionários de nossa *“alma mater”*, a mesma intrigante pergunta que Carlos Drummond de Andrade, o poeta mineiro que falava da *“pedra no caminho”*, dirigiu aos seus contemporâneos aproximadamente na época em que a PUC era fundada: *“e agora José?”*. Essa mesma questão, eminentemente existencial e histórica, o Prof. Augusto Chiavegatto colocou como metáfora-guia na introdução de um livro editado pela Cadeira de PFTHC (*“Problemas Filosóficos e Teológicos do Homem Contemporâneo”*) em meados dos anos 70 e proposta a todos os alunos como ponto de partida desta Cadeira no contexto do antigo e pioneiro Curso Básico. Às vésperas de nossos 70 anos de fundação, vale a pena recolocar essa mesma questão a toda a nossa Universidade: *“E agora, José?”*.

Antes, porém, quero ressaltar um ponto que considero como o mais importante desta minha fala. Quero externar minha gratidão pelo privilégio de ter sido por tanto anos membro desta vibrante comunidade. Com isto, o que quero dizer aos meus e minhas colegas do Departamento de Teologia e Ciências da Religião, do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, da Faculdade de Ciências Sociais e do Egrégio Conselho Universitário, presidido pela Dra. Ana Maria Marques Cintra, aos meus alunos e ex-alunos, muitos dos quais vejo aqui presentes, que recebo este título outorgado a mim e ao meu veterano e querido companheiro, Prof. Dr. José J. Queiroz: ele não nos pertence, e sim a todos os que conosco caminharam ao longo destes mais de quatro decênios interrompidos apenas pelos anos que dediquei à Igreja do Brasil e da América

** Professor Emérito da PUC-SP, Departamento de Ciência da Religião da PUC-SP

Latina e também à Igreja de São Paulo. Tenho consciência de que, hoje em dia, não nos conhecemos tão de perto quanto em outros tempos.

Sei igualmente que as opiniões entre nós são distintas. Somos uma Universidade secularizada e plural em uma sociedade igualmente marcada por diferenças. Mas estou convencido, por experiência, de que algo forte nos une e nos faz acreditar que vale a pena continuar batalhando pela “*nossa PUC*”, por aquele “*algo a mais*” que nos caracteriza e inspira desde a fundação e que é como a “alma”, o “carisma”, a “identidade” de uma instituição que a cada curva de sua história buscou se resignificar e se retrabalhar em termos de “projeto” e de “missão” concretizados no seio da trepidante e desigual sociedade brasileira e paulista, correndo sempre sério risco de nos tronarmos uma “ilha pequeno burguesa”, como costumava dizer o Prof. Casemiro do Reis Filho –, perdida nessas belas colinas das Perdizes – e cercada por todos os lados por uma cidade e um país carentes de uma renovação histórica que corrija os seus vícios e muitos preconceitos de origem. No fundo, porém, de nossos veementes discursos, o que em nós palpita é o anseio de sermos uma instituição consciente da tarefa e da responsabilidade que lhe cabem numa sociedade reiteradamente mergulhada em crises históricas das quais fazemos parte por sermos um Universidade. Uma pergunta que sempre me motivou em minha atuação como docente foi a relativa a como a Igreja Católica deve e pode contribuir para que a PUC-SP seja uma instituição distinta das dezenas e dezenas de “universidades” que hoje se multiplicam pelo país afora, algumas das quais gigantescas redes, mas sem maiores preocupações quanto à sua identidade e missão e para que ela não fique correndo atrás das Estatais que por razões óbvias têm mais recursos e um caráter “público” de natureza distinta do que é próprio a uma Universidade “Católica”.

Ponto 1: Olhando para trás

Esta cerimônia é mais do que um ritual acadêmico de homenagem a dois professores que talvez tenham seus méritos, mas apenas cumpriram com seu dever. Ela é uma interpelação que precisa ser situada no contexto do septuagésimo aniversário de vida da PUC como Universidade em senso estrito, resultante de uma semente modesta (lançada à terra no Mosteiro de São Bento, no ano de 1906) que se tornou árvore frondosa malgrado ventos e tempestades. É dessa árvore que fazem parte o nosso Departamento e o nosso Programa de Pós-Graduação, inseridos nos últimos anos na Faculdade de Ciências Sociais. Buscando um caminho para situar a minha longa experiência de PUC-SP, achei que o mais conveniente seria atentar ao retrovisor de meus quarenta e poucos anos de docente não para dar e fazer balanços e sim para relembrar com vocês alguns episódios que deixaram marcas em meu passado de professor. São fatos até um tanto secundários, mas, para mim, eles têm um significado simbólico muito rico que caracteriza e diferencia a nossa PUC-SP de outras universidades estatais ou privadas, inclusive de nossas “irmãs” que levam o pomposo nome de “pontifícias”.

O primeiro foi um episódio despretensioso que se deu em 1981, quando, para marcar os 35 anos da fundação da PUC-SP, foi colocada uma lápide comemorativa e ao seu lado plantada no jardim, junto à capela, uma muda de Pau Brasil. A iniciativa foi da Reitora Nadir Kfoury Nadir. Lembro-me bem de que essa árvore custou muito a pegar e que eu, por delegação da Reitora, fiquei encarregado de cuidar da frágil mudinha. Essa árvore morreu e renasceu ao menos três ou quatro vezes no biênio seguinte. Sabendo do interesse da Reitora, o jardineiro vinha nos perguntar se queríamos erradicar a doentinha e plantar uma outra mais vigorosa em seu lugar. Confiantes, respondíamos sempre que

não; o melhor seria continuar dando a ela um cuidado especial. Brincando, Nadir, Casimiro dos Reis Filho, o Vice Acadêmico, e eu, dizíamos em tom de brincadeira séria que, se aquela planta prosperasse, também os problemas da PUC-SP encontrariam solução. Hoje, vejo com alegria que, quarenta anos passados, lá está a árvore: bela, altiva e frondosa. Até seus agudos espinhos de antes se tornaram menos ameaçadores. Ela, para mim, é um símbolo da PUC-SP. Cada vez que passo ao seu lado, me digo: assim é a nossa PUC!

Mas, porque era aquela luta da planta um símbolo do que vivíamos? Porque naqueles anos difíceis os salários dos docentes e funcionários estavam com grande atraso, faltava-nos financiamento para terminar o prédio novo, havíamos descoberto três casos sérios de corrupção envolvendo alguns funcionários e um docente. Em Brasília, o tratamento que recebíamos era o mais seco possível (com uma ou duas exceções). O que fazer? Foi nessa ocasião, se bem me lembro, que o Banco do Estado (o Banespa) se instalou no primeiro andar do Edifício Bandeira de Mello e os cursos de Pós-Graduação passaram a funcionar no 4º andar do mesmo Prédio. Recebemos a visita de um Secretário Geral do MEC e ele, acho que era um carioca, disse uma frase que me parece antológica: *“a PUC é como um pássaro de asas frágeis que, não obstante, voa!”*. Provavelmente, ele estava acostumado a ser recebido nas reitorias suntuosas das Universidades daquela época de *“Brasil Grande”*.

O outro episódio ocorreu um ano depois da tão falada invasão (não tenham receio, que não é dela que pretendo falar!). Um dos centros acadêmicos inaugurou, na prainha, uma placa alusiva ao primeiro aniversário da invasão da PUC pela PM, a Polícia Civil (DOPS) e o CCC, ao que tudo indica com apoio da OBAN. A placa continua lá até hoje. Na ocasião, fui chamado às pressas ao local porque um grupo sádico de alunos estava humilhando uma (suposta) filha ou sobrinha do famoso Coronel Erasmo. A menina acabava de ser matriculada como nossa caloura de primeiro ano. Eram os tempos do Básico, um projeto que tinha como um de seus principais objetivos o de preparar os nossos alunos para a ansiada fase de redemocratização de nosso país. Eu me perguntei naquela oportunidade onde ficara a semente de democracia que com tanto desvelo estávamos tentando plantar nos corações e mentes de nossos alunos. Será que estamos mesmo formando cidadãos ou...? Até hoje, me faço mais de uma vez essa mesma pergunta: terão as atuais estruturas, currículos e praxes de nossa Universidade condições para fazê-la nascer nessa geração de hoje — que vive uma fase de indignação ante o espetáculo de cinismo e imoralidade que nos vem de quase que de todos os lados, principalmente de cima? Volta, então, a pergunta do Drummond: *“e agora, José?”*.

O terceiro episódio se reporta à noite trágica em que vi arder o nosso TUCA. As chamas subiam a mais de 20 metros acima do teto, que desmoronou por completo. Porque queimaram o TUCA? Quem o fez? E porque tantos nos procuraram oferecendo e realmente dando ajuda? Minha resposta é simples: foi porque ele estava cumprindo sua função de teatro universitário, no campo das artes sob a orientação competente da Prof^a Samira Chalhub e nos campos sociocultural e político em virtude da batuta destemida do Prof. José J. Queiroz, que dele fez o palco de noites inesquecíveis que acolhiam algumas das vozes mais lúcidas de um país que clamava por um novo tempo. Tenho ante os olhos os atores de *“Vida e Morte Severina”* a escancararem ao Brasil a dura realidade da seca e da fome de milhões de nordestinos. Relembro as noites em que o TUCA acolheu uma multidão que acorreu à outorga do título de Doutor *Honoris Causa* a Dom Helder Câmara e, tempos depois, à recepção calorosa que São Paulo fez a Paulo Freire, recém-retornado de longo exílio, e dos pronunciamentos de alguns bispos da CNBB que vieram

de Itaici para trazer à comunidade acadêmica de São Paulo a mensagem de que era chegado o momento de passar a limpo o Brasil. Foi, aliás, nessa mesma noite que, pela primeira vez, os professores e alunos me perguntavam quem era aquele bispo magrinho e de sotaque estrangeiro chamado Pedro Casaldaliga, defensor dos índios e dos sem terra. Lembro-me ainda das “Noites do TUCA” em que a PUC-SP abria o seu teatro a alguns dos mais notáveis pensadores e políticos brasileiros da época, para discutir — com casa sempre superlotada — de público e de agentes do DOPS paulista — para onde deveríamos caminhar no período pós-revolução militar que já despontava. Foi numa dessas noites que um discurso veemente do advogado José Carlos Dias se ouviu pela primeira vez o brado que depois sacudiu todo o país, de “*diretas já*”. Mas, para mostrar o outro lado de um momento histórico eivado de ambiguidades, recordo uma noite em que um dos mais conhecidos críticos das falsas soluções políticas, professor de Filosofia expulso da USP e acolhido pela PUC-SP, foi sonoramente vaiado ao afirmar que a “revolução” que era proposta pela PUC-SP não iria muito além do corredor que separava a Rua Monte Alegre da Rua Cardoso de Almeida. Para ele, definitivamente, nossa comunidade não devia incorrer no equívoco de se julgar uma “comunidade de heróis”. Era preciso manter os dois pés no chão.

Menciono a propósito que esses encontros tinham no Prof. José Queiroz o seu principal articulador. Não era, entretanto, uma iniciativa dele. Ela fazia parte de um projeto de Universidade que havia sido pensado no Encontro de Buga (Colômbia), que reuniu representantes das principais Universidades Católicas da América Latina, com o intuito de — à semelhança do que fizeram os Bispos congregados na Assembleia do Episcopado de Medellín (1968) — aplicar às Universidades Católicas de nosso continente as Constituições, Decretos e Declarações do Concílio Vaticano II (1962-1965). A PUC de São Paulo achava-se aí representada por Dom Cândido Padin (que, aliás foi seu Secretário e principal organizador). Foi para concretizar essas diretrizes que Dom Cândido Padin, jurista formado no Largo de São Francisco e, mais tarde, monge beneditino, foi nomeado Vice-Reitor de nossa Universidade, apesar de ser já Bispo. A representante de nossos docentes no Encontro de Buga foi a Dra. Nadir Gouvea Kfourir, então Diretora de nossa Faculdade de Serviço Social. Como Reitora da PUC-SP, dez anos depois, seu sonho era concretizar na PUC-SP a utopia que Buga havia nela despertado. Há que se ter bem presente que tanto em Medellín quanto em Buga o eixo central era a análise da realidade de pobreza e de injustiça vigente na quase totalidade dos países latino-americanos. Era contra esse pano de fundo histórico que se punha a pergunta sobre qual a resposta que cabia às Universidades Católicas aos apelos dessa realidade lida desde a Boa Nova do Evangelho.

Quase concomitantemente a esses fatos, o MEC impôs às universidades brasileiras uma reforma estruturada por uma comissão mista de nome MEC-USAID. Sua inspiração, como seu próprio nome indica, era a de implantar em nosso país um modelo já vigente nos Estados Unidos. Também a PUC-SP se viu coagida a se submeter a tal modelo, que tinha como pressuposto jurídico institucional o estabelecido pelos Atos Institucionais e pelas demais leis e decretos promulgados pela Revolução. Acontece que na PUC-SP um outro modelo didático-pedagógico já estava sendo posto em andamento. Também os cursos de Pós-Graduação, surgidos início da década de 70, traziam novidades que caminhavam na direção das diretrizes traçadas por Buga quanto à qualidade do ensino, da pesquisa e da extensão. Nesse contexto, a ideia de uma nova PUC-SP passou a ser uma referência quase obrigatória, malgrado os muitos limites e dificuldades de ordem prática trazidos pela conjuntura. Na Igreja de São Paulo, o Cardeal Paulo Evaristo Arns,

além de Dom Cândido Padin, Dom Benedito Ulhôa, Mons. Enzo Gusso, Dom Luciano Mendes de Almeida e outros Bispos davam ponderável apoio à linha adotada pela PUC-SP. A grande maioria do corpo docente, em especial dos mais jovens treinados pelo Básico, tomavam posições semelhantes, na teoria como na prática. Entre outros nomes, menciono os de Casimiro dos Reis Filho, Joel Martins e José Nagamini (para citar apenas alguns dos que já não estão entre nós).

Essas grandes novidades e também outras, oriundas da Pastoral Universitária, abriram para os professores de Teologia e Cultura Religiosa um espaço que os fez pensar em transformar a Pastoral *na* Universidade em uma Pastoral *da* Universidade. Até aquela data, a Pastoral na Universidade era confiada a um grupo bastante coeso de padres que moravam em casas situadas dentro da própria Universidade (na Monte Alegre como na Marquês de Paranaguá). A estes e a alguns leigos e leigas oriundos da Juventude Universitária Católica (JUC) incumbia ministrar uma disciplina de nome “Cultura Religiosa”. Como modelo se tomava o da França, razão pela qual se criou uma “Paróquia Universitária”. Esta, se de um lado facilitava a inserção dos estudantes e professores/as em atividades mais próprias a universitários, de outro separava os padres e os leigos/as docentes das Faculdades e Departamentos que constituíam a estrutura docente em sentido estrito. Com isso, os professores da cadeira de Cultura Religiosa, apesar de seu intenso intercâmbio com os alunos e alunas, não tinham participação direta nas Faculdades e Departamentos então existentes. O grupo de discussão em torno do modelo de PUC a ser adotado pensou, então numa estrutura que permitisse aos docentes de Cultura Religiosa uma participação direta nos Departamentos e Faculdades. Quando na reforma curricular dos anos 70 foram criados os Centros e, dentro deles, as Faculdades e Departamentos concentrados em áreas mais específicas de conhecimentos, pensou-se em um *Centro de Estudos Especiais* (CEE) que seria responsável pela articulação interdisciplinar das distintas áreas. A esse CEE seriam agregados o Departamento de Teologia e alguns Institutos que se dedicariam à extensão do conhecimento gerado pela Universidade a setores sociais carentes externos à Universidade. Não foi possível concretizar tal sonho devido aos custos, mas em seu lugar foi criado o Instituto de Estudos Especiais (IEE), sob a orientação do Prof. José Queiroz. Sugiram ao seu lado outros Institutos e Núcleos especializados, como o URPLAN (Instituto de Planejamento Urbano), que teve como Diretor o Prof. Luiz Eduardo Wanderley, o PROTER (Instituto de Estudos da Terra), dirigido pelo Prof. Plínio Arruda Sampaio), o IPEAFRO (cujo diretor foi o líder negro Prof. Abdias do Nascimento) e o Núcleo de Trabalhos Comunitários (NTC), que até hoje tem como líder dedicada a Prof^a Maria Stela Graciani.

Paralelamente, a PUC passou a se articular com dois organismos da Arquidiocese: a Comissão de Justiça e Paz e a Comissão de Direitos Humanos. Foi intensa, nesses anos, a atividade de Professores e Alunos nossos em sete regiões da periferia de São Paulo. Eram atividades que associavam alunos de Direito, Serviço Social, Educação, Jornalismo, Psicologia e Ciências Sociais. Na assistência jurídica a detentos do Carandiru atuavam, por exemplo, muitos de nossos acadêmicos de Direito, supervisionados por alguns advogados ainda muito jovens. Alguns destes tornaram-se quadros políticos, jurídicos e administrativos ainda hoje atuantes. A experiência do Básico havia preparado esses jovens para tanto e mostrado que atividades desse tipo eram não só viáveis, como vantajosas em termos de um ensino superior de boa qualidade. Além disto, elas viabilizavam e tornavam efetiva a proposta de Buga. Foi nessa fase criativa que coordenei o primeiro Departamento de Teologia da PUC e assumi, em seguida, o cargo de Vice-Reitor da PUC,

com uma margem bem mais ampla de atuação no sentido de pôr nossos estudantes em contato mais direto com a realidade social, política e econômica da maioria de nossa população.

Penso que foi por essa razão que uma manhã apareceram três delegados do DOPS intimando-me a comparecer na sede deste organismo. Lá, encontrei uma série de acusações formais contra minha pessoa e, posteriormente, tive acesso a uma ficha, datada do dia 13 de maio de 1977, que dizia:

O Padre Edênio Ribeiro do Vale (sic), Vice-Reitor para Assuntos Acadêmicos (sic) é quem dá integral apoio aos grupos da PUC. Este sacerdote está dando homizio aos estudantes comprometidos com a subversão e outros que se destacam como líderes nas assembleias com pronunciamentos violentos de ataque às autoridades constituídas.” (DPPS/SP-50-C-O: 3811)

Foi nesse clima tenso e carregado de problemas de todos os tipos, mas criativo, que transcorreram os oito anos do Reitorado da Prof^a Nadir Gouvea Kfourri. Ela chegou a essa posição com a tarefa de levar adiante a reforma da PUC-SP. Era um problema complexo e nada pacífico. Fez-se na PUC-SP até uma “instituinte” que antecipava em anos a Constituinte do Brasil, que só se tornou viável em 1985. A PUC foi a primeira Universidade a ter um DCE livre. Nela surgiram algumas das primeiras Associações de Professores e Funcionários. Ela teve participação direta na ANDES e em várias instituições católicas de ensino superior. Um outro passo ousado foi a estruturação da carreira acadêmica de todo o nosso corpo docente. O professor hora-aula foi substituído pelo professor por tempo de contrato. Em vez de uma Reitora ou Reitor, passamos a ter três Vice-Reitores: um acadêmico, outro comunitário e outro administrativo. A Reitora passou a assumir a direção também da Fundação São Paulo, visando dar ao acadêmico a prioridade na definição do que incumbia ou não à própria Universidade também no tocante à gestão. Eram decisões corajosas mas de difícil realização devido, sobretudo, à carência de recursos financeiros numa época em que o ensino superior brasileiro ia cada vez mais passando para as mãos da iniciativa privada, o que encurralava a PUC-SP entre duas forças contrapostas — a do ensino público, financiado pelo Estado, e a do Ensino de livre iniciativa na qual o interesse financeiro se torna o grande objetivo — com o que a PUC-SP, uma Universidade que tem história e convicções, está sendo lançada na “fossa comum” das instituições voltadas para o lucro puro simples. Não foi fácil para as Reitorias dos anos oitenta e decênios seguintes equilibrar-se nessa corda bamba. Será que essa conjuntura já foi superada? Seria possível lutar por um modelo alternativo no qual instituições comunitárias como a nossa PUC pudessem contar com financiamento estatal?

Ponto 2: Olhando para o hoje

Como se disse no início do presente texto, olhar para trás é uma condição fundamental para se situar no hoje. No entanto, não vou me estender nesse segundo item. Todos estamos conscientes do momento difícil que o país atravessa e de como ele atinge de maneira muito imediata também todo o ensino superior brasileiro, muito para lá do slogan artificial de “pátria educadora”. Ao semear ao longo de minha exposição anterior uma série de perguntas centradas nesse misterioso e dramático “*e agora José?*”, de Drummond, eu pretendia tão somente aguçar em todos nós a consciência de que a

PUC-SP que celebra seus 70 anos em 2016 não pode esquecer de que o incômodo *puzzle* que o poeta formulou continua também hoje sendo colocado à comunidade puquiã, à Igreja e ao Brasil de todos nós. Cabe-nos, efetiva e irrecusavelmente, ponderando as lições de nosso passado (com seus acertos e erros), nos perguntar pela enésima vez: “*e agora, José?*”.

Estes últimos anos foram difíceis para todos nós. O atual Conselho Universitário, bem como as autoridades constituídas, que o digam. Criou-se um clima de quase guerra que tornou difícil pensar mais a fundo o projeto de uma PUC-SP para o século XXI. Nos comentários e conversas de corredor, dominam as críticas. Paira no ar um certo pessimismo. Dominam o descrédito e a desconfiança nas autoridades, incluídas as da Igreja. Os pronunciamentos advindos de agremiações representativas dos distintos segmentos universitários tendem a só ver e acentuar o negativo. A comemoração de nossos 70 anos de fundação bem que poderia ser uma ocasião para um diálogo franco e uma busca de caminhos novos. Ninguém é ingênuo para supor que as diferenças de opinião irão cessar, mas as diversas posições existentes precisam dialogar entre si, visando o bem comum. Afinal, esta é a nossa casa. É aqui que, por exemplo, nós, professores e funcionários, mês após mês recebemos pontualmente nossos salários. Queremos que isto continue acontecendo (aliás, na USP, o déficit deste ano está orçado em R\$ 200 milhões). Mas queremos, da mesma maneira, que a qualidade do serviço que prestamos tenha sempre a primazia. Para começar, vamos conversar entre nós, nas rampas e corredores, nas salas de aula e centros, em nossos Departamentos e Programas, em nossas Faculdades, em nossas associações, assim como no grande número de núcleos e grupos que a PUC tem gerado, qual mãe subnutrida mas bem consciente do que lhe compete. A PUC-SP, pelo seu passado, tem algo a dizer à comunidade universitária brasileira também neste século XXI que já chega ao *début*, isto é, aos seus quinze anos.

Ponto 3: Olhando para a frente

Nesta parte final, olhando para o nosso futuro próximo, proponho aos meus e minhas colegas do Departamento de Teologia e Ciências da Religião, como também aos membros deste Egrégio Conselho Universitário e ainda aos Senhores Bispos do Conselho Superior da Fundação São Paulo, presidido pelo Senhor Cardeal Dom Odilo Scherer, bem como ao corpo docente da Faculdade de Teologia da PUC-SP como a nossa Universidade deveria reagir às instigantes provocações e diretrizes do atual pontífice. Para tanto, reproduzo verbalmente o que ele, no dia 3 de março de 2015, em carta dirigida ao Grão Chanceler da Pontifícia Universidade Católica da Argentina - da qual ele próprio foi por alguns anos o Grão-Chanceler - observou sobre o modo como eles deveriam “*ir em frente*” ao fazer Teologia em um mundo como o da América Latina e o do Brasil contemporâneos. Eis o que escrevia o Papa:

Ensinar e estudar Teologia significa viver numa fronteira na qual o Evangelho se encontra com as necessidades das pessoas às quais é anunciado de maneira compreensível e significativa. Devemos evitar uma Teologia que se esgota na disputa acadêmica ou que olha para a humanidade de um castelo de vidro... ela deve ser radicada e fundada na Revelação, na Tradição, mas acompanhar também os processos culturais e sociais em particular as tradições difíceis. Neste tempo, a Teologia deve enfrentar os conflitos: não só os que experimentamos na Igreja, mas também os relativos ao mundo inteiro e que são vividos pelas ruas

da América Latina. Não vos contenteis com uma Teologia de escritório. O vosso lugar de reflexão sejam as fronteiras. E não cedais à tentação de as ornamentar, perfumar, consertar nem domesticar. A Teologia seja expressão de uma Igreja que é “hospital de campo”, que vive sua missão de salvação e cura no mundo. A misericórdia não é só uma atitude pastoral, mas a própria substância do Evangelho de Jesus.

Para terminar, retomo uma citação feita pelo Prof. Jorge Cláudio N. Ribeiro Jr., também ela tirada de Carlos Drummond. Permito-me aliterá-la levemente: "*Estamos presos à vida. Olho para meus companheiros. O presente é tão grande. Não nos afastemos muito. Vamos de mãos dadas*".

Saudação ao Prof. Dr. José J. Queiroz na outorga do título de Professor Emérito da PUC-SP

Maria Luiza Guedes^{***}

O processo de reconhecimento de uma trajetória junta realidades muito particulares e específicas com outras, mais amplas, sociais, políticas e históricas, que animam com seu sopro a construção do futuro. Fazem emergir a necessidade de reconhecimento dos atores que foram e são imprescindíveis para nossa história departamental e universitária, como nos ensina a poesia de Brecht ao final deste texto.

Com este espírito, apresentamos o nome do Prof. Dr. José J. Queiroz para que receba uma justa homenagem pela sua trajetória pessoal, acadêmica e política. O Departamento de Ciência da Religião vem propor, neste momento, que lhe seja outorgado o título de Professor Emérito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo por intermédio de seu egrégio Conselho Universitário.

Formação e trajetória

José J. Queiroz, um nome de peso cujo “J.” também o é, pois consta de sua certidão de nascimento, sem jamais ter sido decodificado. Coisas da história, coisas do interior paulista brasileiro.

Nascido em 24 de dezembro de 1932 em Salto Grande, interior do Estado de São Paulo, fez o então denominado curso primário na escola pública de Santa Cruz do Rio Pardo. Deu continuidade aos seus estudos lá mesmo, no Colégio Dominicano de Santa Catarina de Siena, onde fez o ginásio e o colegial. Foi ordenado sacerdote em 1956 pela Ordem dos Dominicanos em Bolonha (Itália), enquanto cursava as graduações em Filosofia e Teologia. Depois, Mestre em Filosofia e Teologia pela Faculdade Santo Tomás de Aquino de Bolonha (1957), Doutor em Direito pela Pontifícia Universidade

^{***} Professora do Departamento de Ciência da Religião da PUC-SP.

Internacional Santo Tomás de Aquino de Roma (1960). Bacharel em Ciências Sociais e Jurídicas pela Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo.

De espírito crítico e irrequieto, engajado nos movimentos populares no Brasil, solicitou e obteve em 1973 dispensa da vida religiosa. Construiu, posteriormente, uma bela família que lhe trouxe muitas alegrias. Trouxe-lhe, também, momentos difíceis, que exigiram do homem, pai de família, grande capacidade de superação no enfrentamento de perdas irreparáveis.

O Prof. Dr. José J. Queiroz declara corajosa e claramente os posicionamentos teóricos que foi assumindo na construção de sua rica e consistente trajetória. Foi aristotélico-tomista partindo das obras de Aristóteles, especialmente no que se refere à Lógica e à Metafísica; debruçou-se sobre a Suma de Teologia de Santo Tomás de Aquino e abraçou o neotomismo de Jacques Maritain. Mergulhou em seguida na Filosofia fenomenológica na sua vertente existencialista. Ainda no seu período de formação acadêmica, embrenhou-se pela nova Teologia europeia da esperança, da política e do desenvolvimento que foram ecoar no *aggiornamento* desencadeado pelo Papa João XXIII, em seguida explicitado nos documentos do Concílio Vaticano II; ao mesmo tempo, mergulhava na Filosofia fenomenológica em sua vertente existencialista cristã. Aproximou-se do pensamento marxiano e marxista pela ação nos movimentos populares e nas Comunidades Eclesiais de Base.

Já como professor da PUC-SP, tornou-se assessor dos movimentos de Direitos Humanos nacionais e dos ligados à arquidiocese de São Paulo em suas diversas regiões. O trabalho de discutir e fazer análises de conjuntura com os grupos de base levou-o a se aprofundar no pensamento de Antônio Gramsci, em especial o dos volumes dos *Quaderni del Cárcere* lidos em italiano, pois ainda não havia traduções para o português.

A militância nos Direitos Humanos levou-o a participar, em 1968, do Congresso Internacional de Juristas Católicos realizado em Dakar (Senegal), em companhia de Dom Elder Câmara. Nesse congresso, coordenou comissões e expôs textos relativos à conjuntura brasileira. As discussões sobre leis trabalhistas com grupos de operários da periferia de São Paulo fizeram emergir lideranças que foram formando as comissões de fábrica, a oposição sindical durante a ditadura militar e, futuramente, a Central Única dos Trabalhadores (CUT) no ABC paulista.

É professor titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, onde exerce a docência desde 1971. Foi professor de Ética e Metafísica e coordenador do Curso de Filosofia na Universidade São Francisco. Foi professor no programa de pós-graduação em Educação na Uninove. Foi professor de Metodologia no Curso de Pós-graduação em Teologia da Faculdade Nossa Senhora da Assunção do Ipiranga, em São Paulo. Atualmente, é professor no Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião na PUC-SP, do qual foi um dos fundadores e segundo coordenador.

Em 1971, iniciou a docência na PUC, na disciplina Problemas Filosóficos e Teológicos do Homem Contemporâneo, que integrava o Ciclo Básico, criado no âmbito da reforma universitária em curso. Disciplina oferecida pelo então Departamento de Teologia, que, posteriormente, viria a ser denominado Teologia e Ciências da Religião, e, hoje, Departamento de Ciência da Religião.

Foi uma referência fundamental nesta Universidade que se reinventava no clima da reforma e de resistência à ditadura militar. Contribuiu com seu trabalho à Rectoria da Professora Nadir Gouveia Kfoury ao lado de outros personagens marcantes de nossa história, como Casemiro dos Reis Filho, Antonio Joaquim Severino e João Edênio dos Reis Valle, sob a direção do Grão Chanceler Dom Paulo Evaristo Arns.

Ainda do ponto de vista de sua participação na vida da Universidade, lembramos que em 1990 foi indicado pela comunidade como um dos três pré-candidatos a reitor. Indicação da qual declinou, embora contando com grande apoio, por entender que sua candidatura promoveria uma divisão indesejável na comunidade puquiã que, naquele momento, precisava estar coesa para enfrentar os desafios conjunturais que se apresentavam. Assim, dava mostras de seu caráter e maturidade política abrindo mão de sua candidatura em favor da candidatura da Professora Leila Barbara.

Continuando sua trajetória teórica, no período inicial da docência na PUC-SP, com o objetivo de despertar a consciência crítica nos alunos, trabalhava autores como Emmanuel Mounier e Erich Fromm. Aproximou-se dos pensadores da Escola de Frankfurt e introduziu no Ciclo Básico a leitura de Herbert Marcuse e sua crítica à unidimensionalidade da visão filosófica e social da sociedade capitalista. Essa postura intelectual já preconizava seu futuro interesse em estudar os pensadores da chamada pós-modernidade, a teoria da complexidade proposta por Edgar Morin e autores contemporâneos de renome como Habermas, Lyotard, Derrida, Vattimo, Bauman e Lipovetsky.

Mesmo tendo contribuído com outras instituições, a PUC-SP foi e tem sido o lugar privilegiado do exercício profissional do Prof. Queiroz, na pesquisa, na docência - seja na graduação (PFTHC), seja no pós-graduação (Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião), seja na extensão ou prestação de serviços.

Foi, na PUC-SP, restaurador e diretor do Instituto de Estudos Especiais (IEE) de 1976 a 1986, que, juntamente com as outras unidades da Universidade, faziam a ponte entre o mundo acadêmico e os grandes desafios daquela conjuntura marcada pelo autoritarismo e violência dos anos da ditadura militar. Promoveu discussões teóricas e práticas de temas candentes no clima fechado da ditadura militar, como a cultura do povo amordaçada, a situação do sistema prisional, abrigando no IEE a Organização Comunitária pelos Direitos dos Presos, a situação dos jovens com condutas desviantes, a educação popular, a relação entre fé e política, os movimentos populares que se abrigavam nas comunidades da chamada "Igreja Progressista", a Teologia da Libertação.

Dois grandes eventos, entre outros, marcaram a atuação do IEE neste período: os nove encontros das Comunidades de Base, dos movimentos populares e dos intelectuais com os teólogos da libertação que participavam do Encontro Mundial dos Teólogos do Terceiro Mundo, de 21 de fevereiro a 01º de março de 1980, finalizado com a presença do Comandante Ortega e dos integrantes do governo revolucionário sandinista. Desses nove encontros que lotaram literalmente o TUCA resultou a publicação do livro *A igreja dos pobres na América Latina*, editado em 1980 pela Brasiliense.

Outro evento relevante foi um grande seminário sobre cultura do povo que reuniu antropólogos, sociólogos, linguistas, psicólogos, pastoralistas, folcloristas, homens e mulheres atuantes em movimentos populares, gente de teatro, associações de bairros, comunidades de base. O material resultante do encontro foi organizado pelo Prof. Queiroz em parceria com o Prof. Dr. Padre Edênio Valle e publicado como livro pela Editora Cortez com o título *A cultura do Povo*, reeditado quatro vezes.

Dos simpósios e seminários realizados pelo IEE sob a direção do Prof. Queiroz resultaram vários livros organizados por ele e publicados pelas Paulinas, tais como: *A Educação Popular nas CEBs* (1986). *As Prisões, os Jovens e o Povo* (1985), *Virada do Século na América Latina* (1984), *A Religiosidade do Povo* (1984), *Ética no Mundo de Hoje* (1985). Especial menção merece este último porque resultou de uma solicitação do então Grão Chanceler da PUC-SP, Dom Paulo Evaristo Arns, para assessorá-lo com vistas

a uma conferência que iria proferir no Secretariado para os Não Crentes da Cúria Romana sobre o tema: as possibilidades concretas de consenso entre crentes e não crentes em torno dos valores éticos.

O IEE convocou um colóquio de alto nível do qual participaram notáveis sociólogos, cientistas das áreas sociais, da Física, da Economia. As contribuições foram incorporadas na conferência proferida por Dom Paulo Evaristo em 1983 em Roma e constituíram os textos do livro *Ética no Mundo de Hoje*.

Na sua atuação social, ocupou lugares estratégicos relevantes como a presidência do Centro Santo Dias de Direitos Humanos da Arquidiocese de São Paulo. Foi assessor da Comissão de Justiça e Paz de São Paulo, sócio fundador da Comissão Nacional de Direitos Humanos e integrante da Comissão de Direitos Humanos da OAB/SP. É membro da Diretoria do Centro de Publicações e Estudos Frei Tito de Alencar. Foi juiz do Tribunal Eclesiástico de São Paulo.

A sua figura de intelectual sempre presente nos movimentos populares e de Direitos Humanos mereceu respeito e consideração a ponto de ser indicado por esses movimentos, em 1985, juntamente com o jurista Hélio Bicudo, para a honrosa e delicada tarefa de interpor junto ao Papa João Paulo II um recurso jurídico canônico contra a sentença da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé que punira o teólogo Leonardo Boff com a pena de “silêncio obsequioso” por um ano. O Prof. Queiroz e o Dr. Hélio Bicudo elaboraram o recurso e o depositaram, em Roma, em mãos do Cardeal Etcheguerai, então Presidente da Comissão Internacional Justiça e Paz do Vaticano. Acolhidos gentilmente pelo Cardeal, este prometeu depositar diretamente o recurso nas mãos do Sumo Pontífice. Pouco tempo depois, o Cardeal comunicou aos dois juristas que o recurso havia sido entregue pessoalmente ao Papa. Depois de alguns meses, a punição do teólogo foi cancelada.

Atualmente, é líder do Grupo de Estudo e Pesquisa Pós-religare: pós-modernidade e Religião, certificado pelo CNPQ, que trabalha especialmente com a temática: discursos filosóficos pós-modernos sobre Deus e a religião, com ênfase nas possibilidades da linguagem (mitos, metáforas e símbolos) no campo religioso. Atua também como professor e pesquisador na área de Educação no campo da ética, pós-modernidade, corporeidade e complexidade. Em seus mais de quarenta anos de magistério, orientou aproximadamente 90 dissertações, teses e trabalhos de iniciação científica.

É parecerista *ad hoc* da CAPES e FAPESP, e tem integrado inúmeras bancas, comissões científicas e liderado as atividades no âmbito do acordo de cooperação firmado entre a PUC-SP – Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, Grupo de Estudos e Pesquisas, Pós-religare e a Universidade Católica Portuguesa, em Braga, cuja principal atividade é a realização dos Simpósios de Filosofia da Religião e Ciências da Religião que em 2014 teve seu quarto encontro na PUC-SP, estando já em preparação o quinto, a ser realizado em 2016 na Universidade Católica Portuguesa, Campus de Braga.

Com uma vasta produção no campo da atuação social e acadêmica, nos últimos três anos poderíamos apontar como principais, as seguintes: *Ética profissional e Cidadania organizacional*. São Paulo: Fundação Padre Anchieta, 2011 (coautor) ISBN 978-85-8028-054-8; *Religião, Modernidade e Pós-modernidade. Interfaces, novos discursos e linguagens*. São Paulo: ideias e Letras, 2012 (co-organizador). “A dialética entre legalidade e Justiça”. In *Teologia e Direito*, São Paulo, Paulinas, 2010; *Deus e a espiritualidade sob olhares científicos pós-modernos. Limites e possibilidades da nova biologia, da genética e da neurociência no campo da(s) Ciência(s) da religião in Religiosidade e seu caráter irreprimível. Perspectivas contemporâneas*. Publicação da Faculdade de Filosofia, UCP,

Campus Braga, 2010. “O corpo e a corporeidade entre a solidão e a crueldade e solidariedade” in *Solidão, a educação e a condição humana*, Porto, Portugal: Ed. Afrontamentos, 2011; “O consumo do efêmero” in *Religião e consumo, relações e discernimento*. São Paulo: Paulinas, 2012.

O Homenageado

O professor ou Mestre Queiroz, como é carinhosamente interpelado pelos alunos, orientandos e colegas, desenhou uma trajetória como poucas. Foram pilares equilibrados dessa trajetória a pesquisa, a docência, as orientações de alunos, a militância e prestação de serviço no interior da Universidade, assim como em importantes causas sociais. Sua presença é marcante para os alunos e orientandos que tiveram a possibilidade de com ele conviver diuturnamente, aprendendo o valor da reflexão alimentada pela leitura rigorosa, mas aberta à crítica e à articulação com outros pensamentos. Aprendem que posicionar-se não é fechar-se em modelos e formas dogmáticas, mas sim aprender a colocar-se em diálogo com o diferente, com a pluralidade de modelos e de pessoas.

É também um excepcional colega de trabalho que contribui muito com seus pares trazendo sua sabedoria processada ao longo dos intensos estudos e experiências acadêmicas e de participação social e política, na universidade e fora dela.

A formação acadêmica, a ação pedagógica e política sempre estiveram entrelaçadas na vida pessoal e profissional do Prof. Queiroz. Como poucos, é capaz de articular teoria e prática, o que, talvez, tenha sido a condição que lhe conferiu um modo de ser e atuar *sui generis*: tem a humildade, a simplicidade e o humor de quem sorveu as lições da vida e da academia sem perder de vista seu sentido, a promoção da vida e da dignidade humana.

Com 82 anos, com o espírito sempre jovial que amadureceu ao longo do rico processo de tecer sua vida profissional e pessoal, dá mostras de uma sagacidade, capacidade intelectual crítica e de sistematização muitas vezes invejada pelos colegas mais jovens. Uma vida plena, muita energia vital e lucidez. Ao seu lado no trabalho diário não há espaço para o desânimo e a desistência. Mesmo diante de obstáculos que parecem ser intransponíveis, a única alternativa aceita pelo Professor Queiroz é a esperança, a crença férrea na pessoa, na vida humana e no trabalho árduo e metucioso.

Sempre acolhedor e imensamente capaz de conviver com a diversidade de opiniões, com as fragilidades humanas, revela sua maturidade e força, forjadas nas várias lutas e profundidade em seus mergulhos nas concepções teóricas que lhe parecem ser suficientemente consistentes para alimentar as ações no enfrentamento dos desafios sociais, políticos e pedagógicos que emergem a cada tempo.

Aprendemos com o Professor Queiroz que o rigor, a alegria e a compaixão são ingredientes fundamentais para um trabalho sério e criativo.

Na concepção do Mestre, a grande tarefa da pesquisa é unir avanço tecnológico e finalidade ética cujo valor fundamental são a vida e a busca de uma sociedade justa, igualitária e fraterna, sendo papel da educação ser pioneira nesta busca.

Tomando suas próprias palavras, ele nos tem ensinado a “não ceder à tentação do derrotismo, desacreditar da irreversibilidade da história. Não estamos no fim da história nem no último homem, mas num útero fértil capaz de criar o novo. Acreditar na força da metamorfose que não é um processo espontâneo, mas nasce da práxis, força amorosa, que se dispõe até ao sacrifício de si pelo triunfo da igualdade e da justiça” (Entrevista para a Revista Dialogia, UNINOVE, n. 14, 2011, pp. 13-21).

Encerramos esta proposição de outorga do título de professor Emérito ao Professor Dr. José J. Queiroz com o poema de Bertold Brecht, em nosso entender um espelho da sua vida.

Hay hombres que lucham un día y son buenos
Hay otros que lucham un año y son mejores
Hay quienes lucham muchos años e son muy buenos
Pero hay los que lucham toda la vida
Esos son los imprescindibles.

Ser emérito numa universidade em construção

*José J. Queiroz*****

À Sua Eminência, Dom Odilo Pedro Cardeal Scherer, Grão Chanceler desta Universidade, por ter acolhido a decisão do Egrégio Conselho Universitário e formalizado a concessão do título.

A Professora Dr^a Anna Maria Marques Cintra, Magnífica Reitora, por propor nosso nome ao Egrégio Conselho Universitário e por acolher a aprovação por aclamação deste Egrégio Conselho.

Ao Prof. Dr. Wagner Sanches, mui digno chefe do Departamento de Teologia e Ciência da Religião, por incluir na pauta do Conselho Departamental a proposta e encaminhar a aprovação à instância superior.

À profa. Dra. Maura Romero, mui digna Diretora da Faculdade de Ciências Sociais, por incluir a solicitação na pauta do Conselho da Faculdade e encaminhar a decisão positiva às instâncias superiores.

Ao Prof. Dr. Afonso Soares, mui digno coordenador do Programa de Estudos Pós-graduados em Ciência da Religião, pelo irrestrito apoio à iniciativa.

Ao Prof. Dr. Jorge Cláudio Ribeiro e à Prof.^a Maria Luiza Guedes, por terem iniciado e promovido o processo e elaborado as justificativas que culminaram com a concessão do título.

Volto meu olhar para o auditório e vejo tantos colegas do nosso Programa de Ciência da Religião e de outras áreas, amigas e amigos, alunas e alunos, ex-alunas e ex-alunos, minha esposa e minha família, minha filha e seu esposo, meu filho e sua esposa, meu filho caçula - embora ausente devido a compromissos inadiáveis no curso de Medicina em Marília, minhas duas irmãs, meus familiares, inúmeras personalidades importantes da sociedade em geral, do clero, religiosas e religiosos cujos nomes declino

**** Professor Emérito da PUC-SP, Departamento de Ciência da Religião da PUC-SP.

para não correr o risco de omissões. A todas e a todos, meu caloroso e carinhoso abraço com muita gratidão.

Apenas quatro nomes faço questão de citar: minhas netinhas Isabel e Cecília e meu netinho Victor, e a nossa inesquecível filha Priscila, falecida com apenas 10 anos de idade. A eles dedico este meu título porque são as luzes que iluminam meu entardecer.

Feitos estes agradecimentos, passo a algumas ligeiras reflexões a guisa de notas de rodapé ao belo e elogioso texto da Professora Maria Luiza, no intuito de buscar o sentido deste acontecimento que é um dos mais marcantes da minha vida pessoal e acadêmica.

Perguntando o porquê desta honraria e o que ela significa, deixei de lado minhas leituras heideggerianas e pós-modernas. Para indagar pelo ser deste emérito lançado na existência acadêmica e social, fui buscar explicações numa longa viagem até a Idade Média e encontrar o meu primeiro mestre a me ensinar Filosofia e Teologia, o grande Tomás de Aquino. Ele me fez abrir a sua insuperável *Suma de Teologia*, na Prima Secundæ, isto é, na primeira parte do seu grande tratado sobre a moral, na questão 114, toda dedicada à análise do mérito e no Artigo IV, no qual aprendo que o princípio de todo mérito é a gratuidade divina envolta no seu amor. Deus, porém, distribui méritos por intermédio das criaturas humanas; portanto, a pessoa só se torna meritória numa relação intersubjetiva quando rodeada de amizade, carinho, fraternidade daqueles que com ela convivem.

Daí que atribuo meu ser emérito à bondade divina permeada pela amizade dos meus e das minhas colegas, pela ternura das minhas alunas e alunos, pela fraterna acolhida dos meus superiores hierárquicos desde os chefes de Programas e Departamentos até os integrantes das reitorias e pró-reitorias que se sucederam desde 1971 até hoje e sempre me deram irrestrito apoio para exercer as várias atividades mui elogiosamente descritas pela Prof.^a Maria Luiza Guedes. E jamais vou esquecer o grande suporte dos funcionários e funcionárias e de todos aqueles que exercendo os seus afazeres se tornam imprescindíveis para o nosso labor acadêmico. Que faríamos nós sem a carinhosa e competente prestação das Andreias, das Roses e de inúmeros outros dedicados e dedicadas colaboradores?

Para mim, foi imprescindível o amparo de amigas, amigos, familiares, em especial da minha esposa Ana Maria, que, ao longo dos mais de quarenta anos de convivência amorosa e dedicada, garantiu o cuidado dos nossos quatro filhos em minhas numerosas ausências pelo exterior e pelo Brasil afora, na assessoria às comunidades de base, aos centros e movimentos de Direitos Humanos, nas idas constantes nos finais de semana pelas periferias de São Paulo, discutindo leis trabalhistas com as lideranças sindicais emergentes e os parâmetros para as análises de conjuntura, nos anos mais duros do regime militar.

Passo a uma segunda reflexão, agora inspirado pela conhecida expressão do filósofo Ortega y Gasset em seu livro *Meditações do Quixote*. Diz o filósofo: “Eu sou eu e minha circunstância e se não salvo a ela, não salvo a mim”.

O ser emérito não está predeterminado nem escrito nas estrelas. Vai se fazendo a partir e nas circunstâncias. Vou apontar apenas algumas nas quais se forjou a minha trajetória

A primeira, que deu início à minha caminhada nesta Universidade, foi um convite que recebi em 1971 do professor Marcos Masetto, então coordenador da disciplina de Problemas Filosóficos e Teológicos do Homem Contemporâneo, que integrava as cinco disciplinas do currículo do Ciclo Básico da Área de Ciências Humanas e Educação. Esta disciplina, junto com as demais, surgiu das propostas da Reforma da Universidade de

1970, aprovada em 1971, e tinha como objetivo instaurar uma nova visão de Universidade Católica respondendo aos desafios do contexto latino-americano e brasileiro. Eu e os demais integrantes das disciplinas não fomos chamados simplesmente para dar aulas, mas para responder a um projeto que visava não apenas o bom profissional nas suas respectivas áreas, mas o aluno crítico da realidade, participante e ativo numa sociedade que exigia profundas mudanças, imersa num regime repressivo. Com o famigerado Ato Institucional nº 5, de 13 de dezembro de 1968, eram abolidas todas as liberdades políticas e civis, caçavam-se alunos e professores dissidentes, proibiam-se agremiações estudantis, instaurava-se o regime das delações para os órgãos de repressão de toda e qualquer forma de resistência.

O pano de fundo da reforma universitária eram as orientações do Documento de Buga, elaborado em 1967 no encontro de peritos designados pelo Departamento de Educação do CELAM (Conselho Episcopal Latino Americano) para subsidiar as reflexões sobre Educação na grande assembleia de todos os bispos e prelados da América Latina e do Caribe, que se realizou em Medellín, na Colômbia, em 1968, no intuito de aplicar para a América Latina e Caribenha as prescrições do Concílio Vaticano II, encerrado em 1965.

Grande é a importância deste documento, o de Buga, considerado ainda válido e atual, seja por peritos como José Nagamine, de saudosa memória, em seu minucioso trabalho sobre *Universidade e Compromisso Social*¹, assim como pelo jesuíta Valentim Menéndez, que escreveu *Iglesia y Universidad en America Latina*.²

Pela relevância do Documento, apresento resumidamente suas linhas principais, pois foram elas que pautaram a minha atividade e a dos meus companheiros de disciplina do Ciclo Básico de Ciências Humanas e Educação.

Eis a grande pergunta que se colocaram os peritos reunidos em Buga. Qual é a identidade e o papel da Universidade Católica no contexto das necessárias mudanças no Continente?

As Universidades Católicas devem ser verdadeiras universidades, isto é, centros de elaboração de cultura e consciência lúcida da sociedade em que vivem. Para conseguir essa meta, devem ser concebidas como um diálogo permanente entre as disciplinas, as estruturas e os membros da comunidade universitária entre si e com a sociedade em que estão inseridas, pois a universidade é, fundamentalmente, um diálogo institucionalizado em todos os níveis. Como católica, deve também destacar-se por seu clima de liberdade e caridade e pelo sério diálogo entre fé e ciência que possibilita uma integração cristã dos saberes em alunos e professores.

Além desses princípios, o Documento expressa também uma posição crítica sobre a situação das católicas nos anos 1960. Limitavam-se à formação de profissionais oriundos em geral das elites sem realizar um verdadeiro compromisso com a mudança social. Não ofereciam respostas efetivas às verdadeiras necessidades da sociedade. Não tinham consciência das urgências em que vivia a América Latina. Assim, arrastadas pelo medo de tomar posição, ficam relegadas à margem da sociedade e esqueciam a responsabilidade que têm de enfrentar o desafio cada vez mais urgente da promoção social e as demandas do desenvolvimento. Esse desafio deveria concretizar-se nas seguintes tarefas: superar o elitismo cultural, desmascarar a mentira tão frequente de nossas sociedades, estudar os

¹ M.J.NAGAMINE, *Universidade e Compromisso Social*.

² V.MENÉNDEZ, *Orientaciones de la Iglesia y de la Compania para la pastoral universitária*.

problemas das sociedades oferecendo soluções, gerar uma cultura autóctone e latino-americana.³

No meu entender, esse Documento permanece como uma utopia, isto é, um não lugar, ou como um ainda não, mas provocador de experiências renovadoras.

Em nossa Universidade, pelo menos em parte, suas orientações surtiram efeito. Cito algumas.

Com a Reforma que entrou em vigor em 1971, o Ciclo Básico de Ciências Humanas e Educação conseguiu em larga escala introduzir o aluno num processo de criação de uma nova universidade prevalecendo o formativo sobre o informativo; propiciou nova relação pedagógica no diálogo professor-aluno; promoveu o exercício da democracia num momento de extremo fechamento político; incentivou uma visão crítica da realidade e a projeção do futuro profissional como participante e ativo do processo de transformação da sociedade.

A democracia interna evoluiu e se firmou na gestão da Reitora Dr^a Nadir Gouveia Kfoury, sendo vice-reitor acadêmico Casemiro dos Reis Filho, vice-reitor comunitário João Edênio dos Reis Valle e chefe de gabinete primeiro a Dra. Silvia Pimentel e, depois, a Prof^a Mariângela Belfiore. No segundo mandato dessa Reitoria, pela primeira vez o Grão-Chanceler, então Dom Paulo Evaristo Arns, escolhia e nomeava um Reitor da PUC por um processo eleitoral de todos os segmentos da Universidade, algo inédito no Brasil. Em 1977, foram regulamentadas e realizadas as eleições dos representantes docentes e discentes em todos os colegiados, desde os Departamentos até o Conselho Universitário.

A vice-reitoria comunitária assumiu um caráter leigo, não sendo mais necessário que o vice-reitor fosse sacerdote e o conselho comunitário não era mais encarregado da doutrinação católica, como as antigas capelanias, mas se ocupava do aprimoramento das relações entre os vários segmentos e do encaminhamento dos principais desafios da comunidade.

Enfim, naquela gestão, nossa universidade se firmou, como queria o Documento de Buga, como “verdadeira universidade cristã, embora com todos os seus problemas, limitações, divergências e contradições internas, naturais numa instituição universitária dinâmica e produtiva”.⁴

As demais conquistas que se sucederam nas gestões das várias reitorias até hoje são reflexo do projeto de universidade que desde 1971, no artigo terceiro dos estatutos, consagrava o princípio do diálogo institucionalizado, o trabalho interdisciplinar, a autonomia da pesquisa na procura da verdade, a autonomia universitária e a liberdade de consciência.

Nesse panorama, introduzo a segunda circunstância na minha trajetória, minha atuação no Instituto de Estudos Especiais, órgão que representou e ainda representa uma notável contribuição para os anseios do Documento de Buga de ver a Universidade Católica em diálogo com a sociedade, respondendo aos seus principais desafios.

Em 1976, uma das principais preocupações da Reitoria já mencionada, recém-instalada por Dom Paulo Evaristo Arns, foi a de tirar do papel ou da letra dos estatutos, onde jazia inerte, aquele Instituto que fora idealizado por Dom Cândido Padim e pela Dr^a Nadir Kfoury como Centro de Estudos Especiais nos moldes do Documento de Buga e da Conferência do CELAM em Medellín (1968), como órgão ativador da consciência das

³ M.J.NAGAMINE, *Universidade e Compromisso Social*, p.149.

⁴ *Ibid.*, p.132.

universidades católicas com relação às suas responsabilidades ante os grandes desafios do Continente Latino-Americano e da realidade brasileira.

Constituíra finalidade do Centro, que logo depois passou a ser Instituto, uma permanente análise e reflexão sobre o desempenho da PUC-SP enquanto universidade cristã naquele processo de transformação da sociedade latino-americana e brasileira, bem como da Igreja, especialmente no campo cultural.

A Reitoria, para ressuscitar o Instituto, foi pescar no Ciclo Básico e na Disciplina de Problemas Filosóficos e Teológicos do Homem Contemporâneo um taumaturgo improvisado chamado José J. Queiroz.

Falar de todas as realizações do Instituto ao longo da minha gestão como Diretor preencheria páginas e páginas e exigiria uma fala de várias horas. Muitas das atividades já foram mencionadas no texto da Dra. Maria Luiza. Com uma pequena sala, uma secretaria e quatro pesquisadores, ousamos as utopias do Documento de Buga. Ações na área dos desafios oriundos dos direitos humanos lesados no período da brutal repressão militar, a revalorização da cultura popular num grande debate sobre a cultura do povo, a busca de entender o mundo e as representações dos menores de conduta desviante, a desumana situação dos presos e a explicação do grande número de reincidências, o diálogo com os teólogos do Terceiro Mundo e as comunidades de base, a revitalização do TUCA a serviço das comunidades e dos movimentos sociais buscando respostas para os principais problemas do momento nos encontros chamados TUCA-VIVO.

Enfim, o Instituto adquiriu vida e até hoje produz significativas pesquisas voltadas para os principais desafios de nossa sociedade sob a direção da Prof.^a Mariângela Belfiore Wanderley, aquela mesma que era chefe de gabinete da Reitoria quando este taumaturgo recebia a missão de ressuscitar o Instituto.

Para terminar, mais uma circunstância e mais uma proeza deste improvisado taumaturgo acadêmico.

Exatamente no dia 6 de dezembro de 1978, o Conselho de Ensino e Pesquisa aprovava o Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências da Religião, sendo seu primeiro coordenador o Prof. Dr. João Edênio dos Reis Valle.

Logo depois da sua fundação, o Dr. Edênio Valle se afasta temporariamente da Universidade para assumir relevantes incumbências como Provincial da Congregação do Verbo Divino e como Presidente da CRB (Conferência dos Religiosos do Brasil). O programa recém-criado sofria de anemia: corpo discente minguado (apenas alguns religiosos e alguns leigos); os docentes, na maioria, eram emprestados de outros programas; baixíssima avaliação pela CAPES, letra C, qualificação que significava um passo para o descredenciamento. Nessas circunstâncias, como substituto do prof. Edênio Valle, fui chamado pelo prof. Holien, então presidente da Pós-graduação, que me fez esse desafio. Você será nomeado coordenador do Programa com a seguinte proposta: ou este Programa se fortalece e cresce ou será eliminado do mapa da pós-graduação. Tive arrepios, mas não me intimidei. Logo chamei como vice o Prof. Ênio José da Costa Brito e, juntos, planejamos a ressurreição do Programa. Uma eficaz estratégia de promoção e divulgação em todos os meios possíveis, contatos pessoais, envolvimento dos alunos, relações amigáveis entre os discentes, aperfeiçoamento das relações professor aluno e, sobretudo, ampliação do corpo docente. A receita produziu efeitos inesperados. O Programa de ano para ano crescia em demanda oriundas das mais variadas áreas: Direito, Ciências Sociais, Psicologia (chegamos a receber mais de 20 psicólogos junguianos), médicos, juristas, pesquisadores dos mais variados credos e tendências religiosas, todos

acolhidos com o maior respeito e com plena liberdade de consciência na busca de penetrarem nos meandros da Ciência da Religião e das Religiões.

Com o passar dos anos, o Programa foi se consolidando. Quando eleito coordenador, o Prof. Ênio José da Costa Brito, que me sucedeu, já contava com mais de oitenta alunos. Atualmente, graças ao empenho das sucessivas coordenações, já possui aproximadamente 120 discentes, excelente corpo docente, uma boa avaliação junto à CAPES, uma revista Qualis A2, a REVER, e outra Qualis B1, a *Último Andar*, e vem produzindo notáveis teses, dissertações, muitas já publicadas em livros, assim como obras de grande repercussão, entre elas *o Compendio de Ciência da Religião*, o *Dicionário Vaticano II*, e, em elaboração, a *Enciclopédia de Ciência da Religião*.

Enfim, em Tempos de Papa Francisco e de grandes encíclicas, como a *Laudato Si'*, nossa Universidade tem procurado responder, embora setorialmente, às exigências do Documento de Buga e aos apelos dos Sumos Pontífices e dos Bispos do Brasil, com inúmeras atividades de diálogo e de busca de resposta ante os grandes desafios de um mundo que, aqui e em toda parte, está impregnado por um clima de violência, ódio, massacres, crimes bárbaros e desesperança. Estas atividades eu as noto semanalmente no noticiário da PUC e vejo como promissor o fato da nossa faculdade de Ciências Sociais ter escolhido como tema da semana deste ano o debate sobre a desigualdade. Outro tema de grande atualidade para nós, que a nossa Universidade precisa com urgência enfrentar, advém do ensinamento da *Laudato si* em seu número 189: “A política não deve submeter-se à economia e esta não deve submeter-se aos ditames e ao paradigma efficientista da tecnocracia. Pensando no bem comum, hoje precisamos imperiosamente que a política e a economia, em diálogo, se coloquem decididamente ao serviço da vida, especialmente da vida humana”.⁶

Enfim, declaro-me orgulhoso em pertencer a esta Universidade e muito feliz e lisonjeado com o honroso título que agora recebo. Procurarei corresponder e estar à altura da grande responsabilidade que ele representa. A todos e a todas, um grande abraço e muito obrigado.

Referências bibliográficas

NAGAMINE, M. José. *Universidade e Compromisso Social*. A experiência de reforma da PUC de São Paulo, São Paulo: EDUC; Campinas: Autores Associados, 1971.

MENÉNDEZ, Valentin S.J. *Orientaciones de la Iglesia y de la Compania para la pastoral universitaria* El Salvador. Universidad USJAL, 2000.

PAPA FRANCISCO. *Carta Encíclica Lautato Si*. São Paulo: Paulinas 2015.

Recebido: 01/11/2015

Aprovado: 08/11/2015

⁵ PAPA FRANCISCO. *Carta Encíclica Lautato Si*, n.189, p.151.

⁶ *Ibid.*, n.189, p.151.